

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS
GERAIS - *CAMPUS* OURO PRETO
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Juliana Moreira Jorge

**ANTÔNIO PEREIRA, OURO PRETO - MG: O PIOR LUGAR DO MUNDO?
RESPOSTAS A PARTIR DA CARTOGRAFIA DO ESPAÇO VIVIDO**

Ouro Preto

2025

JULIANA MOREIRA JORGE

**ANTÔNIO PEREIRA, OURO PRETO - MG: O PIOR LUGAR DO MUNDO?
RESPOSTAS A PARTIR DA CARTOGRAFIA DO ESPAÇO VIVIDO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, *Campus* Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Ramon Coelho Duarte

Ouro Preto

2025

J82a

Jorge, Juliana Moreira.

Antônio Pereira, Ouro Preto - MG [manuscrito] : O pior lugar do mundo? Respostas a partir da cartografia do espaço vivido / Juliana Moreira Jorge. – 2025.

45 f. : il.

Orientador: Ramon Coelho Duarte.

Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura) – Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2025.

1. Fenomenologia. 2. Antônio Pereira (Ouro Preto, MG). 3. Geografia. I. Duarte, Ramon Coelho. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto. III. Título.

CDU: 91(815.1)

Catlogação: Kelly Cristiane Santos Morais - CRB-6/3217



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Preto
Diretoria de Ensino
Docência de Área de Geografia
Rua Pandiá Calogeras, 898 - Bairro Bauxita - CEP 35400-000 - Ouro Preto - MG
- www.ifmg.edu.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

JULIANA MOREIRA JORGE

ANTÔNIO PEREIRA, OURO PRETO - MG: O PIOR LUGAR DO MUNDO? RESPOSTAS A PARTIR DA CARTOGRAFIA DO ESPAÇO VIVIDO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de LICENCIATURA EM GEOGRAFIA, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - *Campus* Ouro Preto, como parte dos requisitos para a obtenção do título de LICENCIADA EM GEOGRAFIA.

Aprovada em 06 de março de 2025, pela Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ramon Coelho Duarte - IFMG *Campus* Ouro Preto - Orientador

Prof. Dr. Igor Rafael Torres Santos - IFMG *Campus* Ouro Preto

Prof. Dra. Lidiane Nunes da Silveira - IFMG *Campus* Ouro Preto

Ouro Preto, 06 de março de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Ramon Coelho da Cruz, Professor**, em 20/03/2025, às 22:42, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Igor Rafael Torres Santos, Professor**, em 21/03/2025, às 17:49, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Lidiane Nunes da Silveira, Professora**, em 22/03/2025, às 17:21, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.ifmg.edu.br/consultadocs> informando o código verificador **2223856** e o código CRC **C0D963D7**.

“Eu sou um corpo, um ser, um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar, ô
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte”

Luedji Luna

RESUMO

Este trabalho, norteado sob o viés humanista, apresenta o conceito de fenomenologia em uma ótica filosófica e as possibilidades da fenomenologia como método para a Geografia, enfatizando a cartografia social como ferramenta metodológica que, através desse método, se fez realizável. Com o objetivo de demonstrar as potencialidades do uso desse método e metodologia, foi descrito, como um estudo de caso, os caminhos percorridos e os resultados apresentados durante a realização do projeto, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, intitulado “A construção do espaço sob a perspectiva dos jovens estudantes da Escola Estadual Antônio Pereira”, escola situada em Antônio Pereira, distrito de Ouro Preto – MG, realizado entre os meses de agosto de 2018 e janeiro de 2020, com um grupo de vinte (20) estudantes com idades entre 14 e 18 anos, sendo que, em 2018 cursaram o 9º ano do ensino fundamental e, em 2019, cursaram 1º ano do ensino médio. A intersecção entre o método fenomenológico e a metodologia da cartografia social aqui descrita, buscou, a partir da percepção atenta sobre as experiências sensíveis e vividas através dos corpos sujeitos, evidenciar a realidade daqueles que, neste momento, construíram e nos mostraram um lugar de (re)existência, traçado na elaboração de um mapa social repleto de emoções que transbordam as superfícies da cartografia e da tradicionalidade dos métodos geográficos. Assim, este trabalho evidencia não somente uma juventude desejosa por (re)conhecimento, mas uma juventude viva que, cotidianamente, cria e recria seu potencial sobrevivente, entre caminhos aflitivos, mas também afetuosos; sempre caminhos em transformação.

Palavras-chave: Fenomenologia. Método Fenomenológico. Geografia. Cartografia Social. Antônio Pereira.

ABSTRACT

This work, guided by a humanist bias, presents the concept of phenomenology from a philosophical perspective and the possibilities of phenomenology as a method for Geography, emphasizing social cartography as a methodological tool that, through this method, became feasible. With the aim of demonstrating the potential of using this method and methodology, the paths taken and the results presented during the implementation of the project were described as a case study, within the scope of the Institutional Program for Teaching Initiation Grants - PIBID, entitled "The construction of space from the perspective of young students at the Antônio Pereira State School", a school located in Antônio Pereira, district of Ouro Preto - MG, carried out between August 2018 and January 2020, with a group of twenty (20) students aged between 14 and 18 years old, who, in 2018, attended the 9th year of elementary school and, in 2019, attended the 1st year of high school. The intersection between the phenomenological method and the methodology of social cartography described here sought, based on the attentive perception of the sensitive experiences lived through the subject's bodies, to highlight the reality of those who, at this moment, constructed and showed us a place of (re)existence, traced in the elaboration of a social map full of emotions that overflow the surfaces of cartography and the traditionality of geographic methods. Thus, this work highlights not only a youth desirous of (re)knowledge, but a living youth that, daily, creates and recreates its survival potential, between distressing but also affectionate paths; always paths in transformation.

Keywords: Phenomenology. Phenomenological method. Geography. Social cartography. Antônio Pereira.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A experiência segundo Yi-Fu Tuan	18
Figura 2 - Teorização da estrutura e conceitos fundamentais da cartografia e suas importâncias	26
Figura 3 - Orientações a partir do sol: traçando a localização das referências a partir da centralidade da escola.....	27
Figura 4 - Elaboração dos croquis: os caminhos de casa até a escola.....	28
Figura 5 - Projeção das partes de toda área a ser representada no mapa final.....	30
Figura 6 - Representação da localização de cada uma das casas	31
Figura 7 - Símbolo e desenho em zoom das casas	32
Figura 8 - O “Pererão” como primeiro ponto referencial em comum a ser desenhado e colorido no mapa.....	33
Figura 9 - Representação de outros pontos de referência	34
Figura 10 - Elaboração inicial da legenda	35
Figura 11 - Outras referências e simbolismos	36
Figura 12 - Outras referências e simbolismos	36
Figura 13 - A representação da barragem e do “Sol que nasce da Lapa”	38
Figura 14 - O Mapa Pererão.....	39
Figura 15 - O Mapa Pererão e todos os seus elementos - título, legenda, escala e rosa dos ventos	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	13
3. FENOMENOLOGIA: QUE COISA É ESSA?	14
4. CAMINHOS DA EXPERIÊNCIA: A GEOGRAFIA E A FENOMENOLOGIA EM DIÁLOGO	17
5. MAPAS DA EXPERIÊNCIA: A CARTOGRAFIA ALÉM DA SUPERFÍCIE	20
6. O PIOR LUGAR DO MUNDO!? A BUSCA POR SENTIDOS	23
7. PARA NÃO CONCLUIR	41
REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

A fenomenologia, conceito filosófico fundamentado sob as ideias do filósofo alemão Edmund Husserl no início do século XX, apresentado em sua obra “A ideia da Fenomenologia” publicada em 1907, enfatiza a percepção da experiência subjetiva como forma primeira de apreensão do mundo, objetivando a descrição dos fenômenos tal como se apresentam à consciência humana em sua existência indagável.

Toda a vivência intelectual e toda a vivência em geral, ao ser levada a cabo, pode fazer-se objecto de um puro ver e captar e, neste ver, é um dado absoluto. Está dada como um ente, como um isto-aqui (*Dies-da*), de cuja existência não tem sentido algum duvidar (Husserl, 1986, p. 55-56).

A respeito da vivência, Husserl (1986) afirma a necessidade de ser considerada como se apresenta, suspendendo qualquer pressuposição ou juízo sobre a realidade externa e assim, está dado o conceito de fenomenologia como compreensão do fenômeno, existente na consciência como tal.

Este conceito, redesenhado sob o olhar da ciência geográfica, encontrou significado metodológico a partir da segunda metade do século XX, a princípio, nas linhas escritas por Yi-Fu Tuan, sobretudo nos ditos de sua obra “Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência” de 1977, quando a necessidade de explorar as implicações da experiência vivida para a compreensão do espaço e do lugar tornou-se uma realidade científica no campo da geografia humanista. Sobre isto, Tuan (1977) diz que “experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento”. A experiência no contexto fenomenológico do pensar geográfico, atravessa os sentidos do pensamento e das emoções, abrindo espaço para a individualidade e subjetividade da compreensão de espaço e lugar pelos sujeitos e grupos sociais.

Neste campo de possibilidades da compreensão da realidade experienciada, a cartografia social, enquanto ferramenta metodológica surge como um delicado fio que entrelaça as vivências e as memórias de indivíduos em um tecido espacial complexo e em constante transformação, que rompe com pressupostos tradicionais limitadores da percepção, da memória, experiências e emoções íntimas.

O campo da cartografia social evidencia a existência de disputas epistemológicas por meio das quais os grupos sociais reivindicam formas

próprias de conceber o território e suas representações, utilizando-se das técnicas convencionais da cartografia em sua ação política. Este é um processo fundamental para a constituição desses grupos não só como sujeitos “cartografantes”, mas também como sujeitos políticos, desde que lhes seja garantida a autonomia da produção da informação espacial e da decisão sobre seus mundos (Acselrad e Viégas, 2013, p.17).

Tal cartografia ressurgiu como forma de resistência apresentada por aqueles que detêm a experiência vivida atravessada em suas corporeidades, impondo-se além das coordenadas geográficas e dos limites impostos pela cartografia tradicional, abraçando assim, a essência da subjetividade que permeia o ato de habitar, viabilizando a percepção e interpretação das interações sociais e os significados atribuídos pelos indivíduos no/com/para o lugar vivido.

O conhecimento científico contemporâneo está em constante transformação, refletindo mudanças nas metodologias e nas ferramentas que buscam uma compreensão mais abrangente das experiências reais e vividas. Nesse cenário dinâmico, e por vezes conflituoso, a intersecção entre o método fenomenológico e a cartografia social como ferramenta metodológica, se apresenta como uma proposta possível dentro do complexo debate epistêmico da ciência geográfica que enriquece a percepção e a representação sensível das realidades socioespaciais.

A união do método fenomenológico e da ferramenta cartográfica social, não apenas amplia as possibilidades de pesquisa, mas também propõe uma abordagem mais humanizada das realidades. A fenomenologia proporciona uma percepção intimamente profunda das narrativas individuais, enquanto a cartografia social transforma essas vivências em representações sensível-espaciais, permitindo a identificação de padrões e relações que podem escapar às análises tradicionais.

Diante desse contexto, integrar essas duas concepções na ciência geográfica para investigar e representar as complexidades das realidades sociais e espaciais contemporâneas é o desafio aqui proposto e, como exemplo da intersecção possível entre fenomenologia e cartografia social, este trabalho apresenta como estudo de caso, os resultados de um projeto realizado na Escola Estadual Antônio Pereira, localizada em Antônio Pereira, distrito de Ouro Preto - MG, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, entre os anos de 2018 e 2020, no qual a escuta atenta das vozes dos sujeitos participantes do projeto pode guiar a construção de um mapa social que não apenas ilustrou, mas também revelou as histórias, emoções e lutas que caracterizam a

relação entre os sujeitos e o lugar habitado; abrindo um campo fértil para a pesquisa e nos convidando a uma reflexão sensível sobre as formas de conhecimento e representação dos lugares em uma tentativa de iluminar as vozes silenciadas e as narrativas marginalizadas.

Em um contexto em que narrativas hegemônicas sustentam a ideia do se fazer ciência geográfica e se sobressaem ao entendimento de mundo, a articulação entre a fenomenologia e a cartografia social se configura como um caminho geopoético e científico para a construção de saberes que valorizam a pluralidade subjetiva das experiências humanas.

Sendo Antônio Pereira um lugar inicialmente descrito de forma negativa por seus próprios jovens sujeitos, justifica-se a necessidade do trabalho aqui proposto, de forma a contribuir para a transformação e/ou reconhecimento das maravilhosidades e afetos que este lugar transborda a partir das experiências vividas e das subjetividades dos indivíduos e grupos sociais, assim como guiar um novo olhar para uma geografia de base humanista cultural.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral compreender, a partir de um estudo de caso, as potencialidades da intersecção entre o método fenomenológico e a cartografia social como ferramenta metodológica para a percepção de lugar vivido, buscando contribuir para o campo da Geografia ao investigar as aplicabilidades do método e metodologia em foco nas análises das experiências socioespaciais, essencialmente em contextos de marginalização de indivíduos e/ou grupos sociais. Para tanto, foi necessário compreender os principais conceitos e pressupostos da fenomenologia com base nas obras de autores clássicos da Filosofia; analisar ideias e definições da fenomenologia como método de investigação na Geografia; identificar os principais fundamentos e contribuições da cartografia social como metodologia para a Geografia, sobretudo no campo da Geografia Humanista Cultural e apresentar os resultados de um estudo de caso realizado entre os anos de 2018 e 2020 na Escola Estadual Antônio Pereira no âmbito do PIBID, a fim de explorar as interseções entre percepção e experiência, vivência e representação, memória e sujeito, espaço e lugar, em um esforço para alcançar uma compreensão mais profunda e significativa das complexidades traçadas no recorte espacial em questão, dito como “O pior lugar do mundo!”.

2. PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

De natureza qualitativa, esse trabalho foi construído em quatro capítulos, sendo os três primeiros orientados pelo levantamento bibliográfico para a compreensão dos conceitos fundamentais que nortearam as ideias propostas e o último direcionado por um estudo de caso no qual os conceitos que sustentam a ideia aqui proposta foram utilizados.

No primeiro, intitulado como “Fenomenologia: que coisa é essa?”, foi realizada uma análise da representação do conceito de fenomenologia e seus desdobramentos para a Filosofia, pautados pelas ideias escritas por Edmund Husserl, Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty.

No segundo capítulo, denominado “Caminhos da experiência: a geografia e a fenomenologia em diálogo”, foi feita uma análise da fenomenologia como método de investigação para a Geografia, evidenciando ideias e definições apresentadas, em destaque, pelos escritos dos geógrafos Yi-Fu Tuan, Edward Relph e Lívia de Oliveira.

No terceiro capítulo nomeado como “Mapas da experiência: a cartografia além da superfície”, o direcionamento da análise também bibliográfica, foi direcionado ao entendimento e conceituação da cartografia social como metodologia de pesquisa e suas contribuições para a Geografia contemporânea.

No quarto e último capítulo intitulado como “O pior lugar do mundo!? A busca por sentidos”, foi relatado, a partir de um estudo de caso, à aplicabilidade do método fenomenológico e da cartografia social como metodologia para a Geografia, através da descrição dos caminhos percorridos e os resultados apresentados durante a realização do projeto intitulado “A construção do espaço sob a perspectiva dos jovens estudantes da Escola Estadual Antônio Pereira”, orientado por mim e por Paulo Roberto de Jesus Ferreira Costa, na Escola Estadual Antônio Pereira, em Antônio Pereira, distrito de Ouro Preto - MG. O projeto, realizado através do PIBID e fomentado pela CAPES entre os meses de agosto de 2018 e janeiro de 2020, foi coordenado pela professora Cecília Félix Andrade Silva do IFMG, e supervisionado pelo professor supervisor da escola campo, Luciano Campos Gomes. Durante os dezoito (18) meses de trabalho, participaram cerca de vinte (20) estudantes com idades entre 14 e 18 anos, sendo que, em 2018 esses estudantes cursaram o 9º ano do ensino fundamental e, em 2019, cursaram 1º ano do ensino médio.

3. FENOMENOLOGIA: QUE COISA É ESSA?

Edmund Husserl (1859-1938), filósofo e matemático alemão, em sua ambição por encontrar um fundamento novo para a Filosofia, propôs a "Ideia da Fenomenologia" ao pronunciar no ano de 1907 em Gotinga, Alemanha, um núcleo de cinco lições que delinearam os princípios básicos do conceito de fenomenologia e que, em um contexto histórico, representou um marco fundamental para o pensamento filosófico no início do século XX e abriu novas rotas possíveis para a descrição e análise do mundo tal como se apresenta à consciência humana.

Neste postulado de pensamentos, Husserl inaugurou um método no qual a ideia da crítica do conhecimento é vista como o sustentáculo de uma atitude diante do mundo. Para Husserl (1986, p. 22), "o método da crítica do conhecimento é o fenomenológico; a fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento".

Neste caminho desenhado pelo conhecimento em sua pureza, compreender os fenômenos na consciência requer o exercício desnudante das camadas de interpretação do mundo, de forma a não considerar somente o entendimento sobre o contexto real advindo do que se é imaginado sobre o outro, mas sim permitir que o próprio sujeito vivente fale e retrate o que de fato vive. Sobre isso, Husserl (1986, p. 29) dissertou como:

o conceito de redução fenomenológica adquire uma determinação mais precisa, mais profunda e um sentido mais claro; não é exclusão do verdadeiramente transcendente (por ex., no sentido empírico-psicológico), mas exclusão do transcendente em geral como uma existência a admitir, isto é, de tudo o que não é dado evidente no sentido genuíno, dado absoluto do ver puro.

Nesse sentido, a "redução fenomenológica", nos convida a questionar o olhar pretensioso direcionado às coisas dispostas no mundo, dando espaço significativo à essência que, de acordo com Husserl (2006, p. 5), "o eidos, a essência pura, pode exemplificar-se intuitivamente em dados da experiência, tais como percepção, recordação, etc., mas igualmente, também em meros dados de imaginação". De tal forma:

É necessariamente o seu carácter; a fenomenologia quer ser ciência e método, a fim de elucidar possibilidades, possibilidades do conhecimento, possibilidades de valoração, a as elucidar a partir do seu fundamento essencial; são possibilidades universalmente em questão, e portanto, as

investigações fenomenológicas são investigações universais de essência.
(Husserl, 1986, p. 79)

É nessa trajetória que a fenomenologia como método se coloca ao mundo, permitindo a experiencição das coisas em si em um trabalho também ontológico, no qual o princípio de ser se reduzir ao próprio ser em si, em um contexto em que o fenômeno, a coisa em si mesma, só se faz consciente sem o prejulgamento sobre o que se é apresentado, é o despertar para a experiência consciente. Sobre a ontologia, Chauí (2000, p. 266), descreve que:

O participio presente desse verbo se diz on (sendo, ente) e ontos (sendo, entes). Dessa maneira, as palavras onta e eonta (as coisas) e on (ente) levaram a um substantivo: to on, que significa o Ser. O Ser é o que é realmente e se opõe ao que parece ser, à aparência. Assim, ontologia significa: estudo ou conhecimento do Ser, dos entes ou das coisas tais como são em si mesmas, real e verdadeiramente.

Em um contexto de novos postulados do método fenomenológico sob a inspiração das ideias de Edmund Husserl, ainda no marco temporal filosófico do século XX, o filósofo e professor alemão Martin Heidegger (1889-1976) publicou em 1927 a obra "Ser e Tempo", na qual buscou uma compreensão do sentido significativo do Ser marcado pela temporalidade. Heidegger (1927, p. 70) diz que:

A questão sobre o sentido do ser é a mais universal e a mais vazia; entretanto, ela obriga igualmente a possibilidade de sua mais aguda singularização em cada presença é necessário um fio condutor concreto a fim de se obter o conceito fundamental de "ser" e de se delinear a conceituação ontológica por ele exigida, bem como suas derivações necessárias.

A partir dessa consideração, a presença é caracterizada pelo ato da existência, sendo possível compreender o sentido do ser somente a partir da fenomenologia, sendo que, segundo Heidegger (1927, p. 70) "a presença é "histórica", de maneira que o esclarecimento ontológico próprio deste ente torna-se sempre e necessariamente uma interpretação "referida a fatos históricos"

O ser se faz inserido em um contexto, onde o ser-em ou ser-aí (*Dasein*), segundo o filósofo, sustenta a existência presente do ser. O ser, para ele, está inserido num mundo que se revela como base da própria existência. Segundo Heidegger (1927, p. 94) "a presença tem seu próprio "ser no espaço", o qual, no entanto, só é possível com base e fundamento no ser-no-mundo em geral".

Dentre outros filósofos que percorreram o conceito de fenomenologia em suas ideias, destacou-se também os escritos por Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), filósofo francês que, influenciado por Husserl e Heidegger, aprofundou-se na construção da consciência e experiência vivida a partir da percepção do corpo, no qual, de acordo com Filho (2014, p. 77), "o corpo, na filosofia de Merleau-Ponty, é visto como o "veículo" do ser-no-mundo, o liame que situa o sujeito temporal e espacialmente." Tal modo de perceber-estar no mundo, direciona os sujeitos a sua presença encarnada. Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 147) "Ser uma consciência, ou, antes, ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser como eles em lugar de estar ao lado deles."

Para Merleau-Ponty (1999), a disposição das coisas é percebida pela experiência vivida e essa experiência só é vivida e percebida através do corpo. O corpo, centralidade de suas considerações fenomenológicas, é a coisa fundamental para a percepção das coisas mesmas, é o primeiro lugar habitado para a percepção do mundo, de modo que, primeiro habito meu corpo, depois me encontro e experiencio o mundo através do próprio corpo. De acordo com Filho (2014, p. 80), "O sujeito é corporal, e ser corpo é estar atado a determinado mundo".

A fenomenologia, coisa essa tão intrigante e por vezes confusa, nos possibilita a essência do conhecimento pela experiência do mundo, do vivido, do sentido no sentido de sentir, de ser; é um método científico, filosófico e, como todo método, passível de confluências de ideias e modos a depender do período histórico¹, mas que se faz consistente em uma possibilidade subjetiva do corpo-sujeito, indissociável consciente e carne.

¹ A Fenomenologia, conceito filosófico concebido por Edmund Husserl no início do século XX, tem sido reinterpretado por novos pesquisadores ao longo das mudanças de contextos histórico-sociais do se fazer ciência.

4. CAMINHOS DA EXPERIÊNCIA: A GEOGRAFIA E A FENOMENOLOGIA EM DIÁLOGO

O método fenomenológico, delineado sob olhares filosóficos, transcorre pelas ciências sociais e humanas como um fio condutor da essência das coisas. Para a Geografia, esse método é um recente emaranhado de possibilidades que vem, paulatinamente, ganhando destaque em pesquisas acadêmicas e abordagens educacionais, sobretudo a partir de 1970, quando a Geografia de base humanista é colocada como uma potencialidade epistêmica. De acordo com Paula (2014, p. 226):

Correspondendo a uma abertura epistemológica, a Geografia Humanista promove dois movimentos: tanto a diversificação de temas e problemáticas a serem pesquisados pelos geógrafos, quanto o surgimento da demanda por teorias, métodos e metodologias para abordar os novos objetos de estudo.

Dessa forma, a Geografia fenomenológica, surge como método humanista em contraposição às amarras do positivismo científico, opondo-se ao processo de matematização e distanciamento entre pesquisa e pesquisador, quebrando a dicotomia entre sujeito e objeto e aproximando a viva realidade que se realiza no ato da percepção e da experiência em uma dimensão íntima que atravessa as faces da subjetividade.

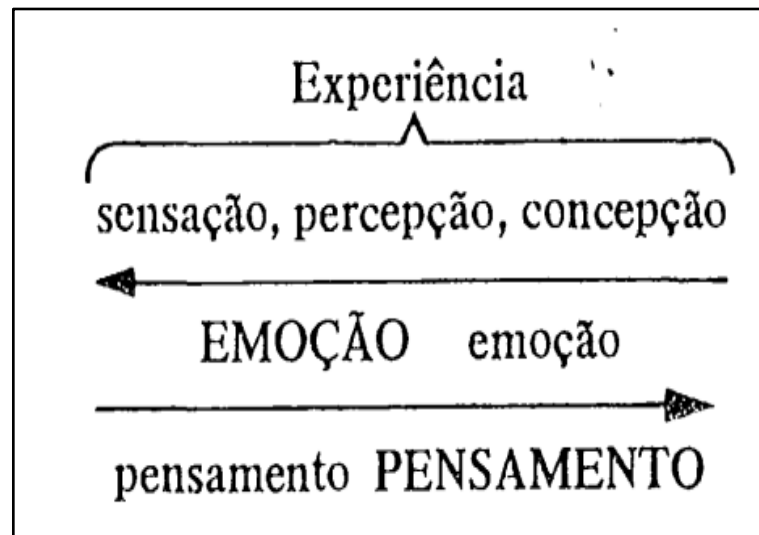
Segundo Bastos (2011, p. 38) "A intrasubjetividade e intersubjetividade não podem mais ser dissociadas. O corpo e o psíquico não são um fora e um dentro: é o corpo-sujeito." É nessa sensibilidade que a fenomenologia incorpora-se à Geografia e é incorporada por ela, em um elo que permite à consciência subjetiva na descrição das realidades vividas por diferentes sujeitos.

Nesse sentido de incorporação do método fenomenológico pela Geografia, o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (1930-2022), floresceu suas ideias em um processo epistemológico geográfico de viés humanista. Em sua obra "Espaço e Lugar: A perspectiva da Experiência", o geógrafo conceitua as noções de espaço e lugar considerando a perspectiva da experiência. Segundo Tuan (1983, p. 06), "Na experiência, o significado de espaço frequentemente se confunde com o de lugar. "Espaço" é mais abstrato do que "lugar". O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor."

A transformação do espaço em lugar se dá da vivência do mundo, onde para Tuan (1983, p. 3) “O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”. É sob a segurança e a liberdade, que os traços marcados no ato de habitar deixam marcas no tempo-espaço; marcas de vida, registros das experiências e das emoções nas diversas formas de construção da realidade, onde nas palavras de Tuan (1983, p. 9) “As emoções dão colorido a toda experiência humana, incluindo os níveis mais altos do pensamento.”

De acordo com a Figura 1:

Figura 1 - A experiência segundo Yi-Fu Tuan



Fonte: Yi-fu Tuan (1983)

A experiência se realiza através da sensação, da percepção, e da concepção, no passo em que emoção e pensamento guiam as distintas formas de conhecer e se reconhecer no mundo-lugar-espaço. Nesse intrínseco conhecimento e reconhecimento, os sujeitos dotados de corpo-consciente experienciam as sensações e subjetividades pelos sentidos-sentidos; pelo tato, visão, olfato, paladar - pela intimidade.

Todas as experiências sentidas através dos sentidos do corpo-consciente, se organizam em uma relação com o lugar onde o sujeito se constroem e é construído. Tuan (1980, p. 5), chama essa relação de “Topofilia”, significando “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico.” A falta desse “elo afetivo”, transforma-se em um outro sentimento contrariamente derivado - a topofobia - já que, de acordo com Tuan (1980, p. 114) “a familiaridade engendra afeição ou

desprezo.” Nem todo lugar experienciado pelos sujeitos são sentidos através de sentimentos de prazer, amor ou felicidade, mas também por sentimentos de rejeição, horror e/ou desprezo.

Edward Relph, geógrafo canadense que enriqueceu o pensamento fenomenológico na Geografia, também se preocupou em descrever o caminho da experiência no desenho da compreensão do mundo pelos sujeitos e grupos sociais. Segundo o geógrafo:

Tendo identificado e interpretado estruturas da experiência, torna-se possível examinar os caminhos pelos quais se constituem, onde elas se originam, onde elas se desenvolvem e se transformam e, também, colocá-las num contexto ontológico mais amplo (Relph, 1979, p. 5).

Dentre os conceitos que embasam a consciência da totalidade geográfica, o lugar toma posição de fenômeno experienciado sob a perspectiva da relação sensível do pertencimento. De acordo com Relph (1979, p. 16):

Culturalmente, o lugar talvez seja o mais fundamental dos três, porque focaliza espaço e paisagem em torno das intenções e experiências humanas. Conhecemos o mundo pré-conscientemente através e a partir dos lugares nos quais vivemos e temos vivido, lugares que clamam nossas afeições e obrigações.

Lívia de Oliveira, geógrafa brasileira que contribuiu de forma enriquecedora para a difusão da Geografia Humanista no país, descreve o sentido de lugar através do sentido do sentir e diz que a Geografia é um campo científico no qual o lugar reflete sua essência. Segundo a geógrafa, o "sentido do sentido" só é compreendido quando se atribui o significado em termos de ser, pois é nessa complexidade do ser que se vincula a verdade e a realidade. Para Oliveira (2012, p. 15):

As dimensões significativas do lugar, que na realidade é o sentido que se atribui a este ou àquele (o meu, o seu ou o nosso lugar), são pensadas em termos geográficos a partir da experiência, do habitar, do falar e dos ritmos e transformações.

É nesse contexto das dimensões significativas, que o lugar se torna um conceito importante para os estudos da Geografia Humanista Cultural de base fenomenológica. Os sentidos, as experiências, o corpo-consciente dos sujeitos, indivíduos e grupos sociais que, pela intimidade, emoções, amor ou horror, se misturam no mundo, construindo-o e sendo construídos por eles em uma complexidade de fenômenos. Em outras palavras, para a Geografia se trata do espaço vivido.

5. MAPAS DA EXPERIÊNCIA: A CARTOGRAFIA ALÉM DA SUPERFÍCIE

A arte de cartografar acompanha o processo histórico e evolutivo das civilizações desde o período primitivo da humanidade. É na amplitude do tempo-espaço que a cartografia se desdobra em camadas de possibilidades para a representação iconográfica do mundo tal como ele se apresenta ao homem. Para a Geografia, a cartografia é estabelecida como ciência de representação de determinadas partes e/ou integralidade do espaço, elementos e símbolos em um processo de registro e entendimento das espacialidades. Em uma concepção tradicionalista, de acordo com Joly (1990, p. 7), “a cartografia é a arte de conceber, de levantar-se, de gerir e de divulgar mapas”, sendo o mapa “uma representação geométrica plana, simplificada e convencional, de todo ou de parte da superfície terrestre, numa relação de similitude conveniente denominada escala.”

Em um processo de representação da superfície terrestre, os mapas como produto final da cartografia, inserido em um contexto tradicional do se fazer ciência, objetiva o uso de técnicas matemáticas e estatísticas como ponto de partida para o estreitamento entre realidade e representação, em uma busca por exatidão das projeções, escalas e símbolos universais. Todavia, essa arte milenar e ciência contemporânea que, erroneamente, por vezes ainda se confunde com a própria ciência geográfica, se desenvolve no campo da Geografia acompanhando as mudanças de paradigmas que se estabelecem perante a necessidade de se fazer ciência ao longo das transformações contextuais da sociedade. De mapas primitivos ao uso de recursos técnicos-científicos-informacionais, a cartografia desempenha papel fundamental para a expressão comunicativa dos modos de vida, dos objetos, eventos, signos, demarcações e poderio estatal.

É nesse contexto de mudanças de paradigmas e pensamentos que desdobra-se sobre a ciência geográfica, que a arte científica de produzir mapas nos traz a indagação: Será mesmo a tradicionalidade medida e simplificada o processo mais exato de se compreender o mundo através da comunicação cartográfica? Essa exatidão nos responderia as complexidades da sociedade contemporânea em um contexto das imersões subjetivas? Para que(m) e por que(m) os mapas são produzidos?

Segundo Seemann (2003, p. 51):

Falar de mapas sempre implica a bilateralidade da comunicação: sempre há leitores e fazedores. A confecção de um mapa, entretanto, se limita quase exclusivamente ao ambiente acadêmico-científico-tecnológico, fazendo com

que o cidadão comum não participe do processo de elaboração, que, aliás, nem sequer conhece. Como resultado, a Cartografia se torna um recurso inacessível para os “mortais”.

De acordo com o autor, os mapas produzidos em ambiente acadêmico-científico-tecnológico, em diversos contextos, excluem a participação de sujeitos sociais no processo produtivo de mapeamentos, o que implica na forma como as representações da realidade são concebidas e interpretadas. O sujeito cidadão comum - aquele que possui o conhecimento vivo no/com o lugar a ser representado pelos mapas -, é esquecido quando se estabelece a comunicação cartográfica entre a produção e a leitura da realidade assumida através de um olhar não sensível à subjetividade, um olhar cartesiano demasiado, desregulado no fazer através da percepção vivida.

Em contraponto a tradicionalidade da exclusão, Kozel (2013), diz que no contexto diverso das pesquisas, a produção de mapas aponta diferentes direções, sejam elas no resgate de métodos semióticos e linguísticos, literários ou fenomenológicos. Essa (des)ordem do tradicionalismo metodológico, desdobra-se em possibilidades de representação da realidade através do olhar de sujeitos marcados pelo sentido da vivência e da realidade dos lugares a serem mapeados. Ao abordar a relação entre o sujeito e o conhecimento, Kozel (2013, p. 65) afirma que:

O conhecimento espacial adquirido pelos homens consiste, sobretudo, em imagens mentais construídas na trajetória de sua vivência a partir da percepção. Essas imagens levam a construir um espaço mental que é percebido, concebido e representado pelos indivíduos.

Sendo assim, a ação de perceber, conceber e representar os lugares vividos pelo homem, desencadeia a possibilidade de construir mapas sensíveis à memória dos indivíduos dotados de subjetividades no processo de interpretação daquilo que os cercam em seu meio de vida. Segundo Kozel (2013, p. 65):

O ser humano é influenciado por aquilo que vê e sente, ativando a sensibilidade a atribuir ao que é visto uma variedade infinita de simbologias. Estes significados transitam historicamente e transmutam-se continuamente, tanto individual como coletivamente, influenciados ainda pelos aspectos culturais, sociais e afetivos.

Os aspectos socioculturais e afetivos que circundam as várias formas de sentir-se pertencentes ao lugar e/ou ser lugar vivido através da sensação e atribuição de sentidos confere ao ser humano uma infinidade de possíveis interpretações da realidade. Essa infinidade de interpretações pode ser registrada

em um processo de mapeamento sob a perspectiva social, no qual os indivíduos sensíveis à sua própria percepção desenham seus lugares de vivências que percorrem seus corpos em um pulsar de experienciação emotiva. Para Acselrad e Viégas (2013, p. 16):

As experiências de cartografia social formam um campo em constante construção que vem, nos últimos quinze anos, promovendo a relativização do sentido oficial de se construir mapas e contribuindo para a ressemantização do termo “cartografia” atualmente em jogo.

Segundo os autores, a cartografia social como um recente campo metodológico, surge como uma nova forma de se pensar e fazer cartografia; rompendo com as barreiras de um tradicionalismo ao possibilitar a criação de mapas cujo domínio do mapeamento é destinado ao próprio sujeito pertencente ao lugar. Não significando a exclusão das técnicas e contribuições da cartografia dita tradicional, mas estimulando novas possibilidades no ato de cartografar. Nesse sentido, Acselrad e Viégas (2013, p. 17) nos diz que:

Apesar de suas distinções conceituais e metodológicas, a cartografia social pode ser entendida como a apropriação de técnicas e modos de representação cartográficos modernos por grupos sociais historicamente excluídos dos processos de tomada de decisão.

Essa apropriação de técnicas da cartografia por sujeitos e grupos sociais historicamente excluídos, torna a cartografia social uma ferramenta metodológica capaz de representar a realidade em sua pureza, construindo conhecimento e reconhecimento de lugares carregados de signos e simbologias que, somente aqueles que de fato vivem, podem transparecer ao mundo. Para Acselrad e Viégas (2013, p. 24), “o processo de construção do mapa possui um grande potencial de visibilizar o conhecimento que, muitas vezes, está guardado mais em algumas pessoas do que em outras – está nos caçadores, nos pescadores, nos mais velhos etc.” Assim, a cartografia social representa as possibilidades de um mapeamento que reflete a fluidez das complexidades cotidianas, transbordando a superfície rígida de uma cartografia tradicional ao considerar o Ser subjetivo em seu movimento diário e, portanto, também geohistórico e social.

6. O PIOR LUGAR DO MUNDO!? A BUSCA POR SENTIDOS

“O pior lugar do mundo”! Essa foi a resposta mais escutada quando perguntamos aos estudantes do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Antônio Pereira o que, para eles, significava Antônio Pereira, distrito este localizado cerca de 26 km da sede de Ouro Preto – MG, estando então mais próximo do município de Mariana – MG e que, em 2023 possuía cerca de 4.480 habitantes, segundo dados fornecidos pela prefeitura municipal.

Tal resposta trouxe desconforto e curiosidade, afinal, o que tornava aquele lugar o “pior” do mundo? Quais eram os fenômenos ali presentes que converteram o processo de afetividade e pertencimento com o lugar em uma representação negativa? Seria mesmo aquele lugar o “pior” do mundo?

Todas essas indagações desconfortantes foram se tornando preocupações ao passo em que, tal resposta se preenchia por olhares também desconfortáveis que os estudantes refletiram sobre o chão vivido daquele lugar. Afirmações dolorosas em diversos contextos eram constantes durante os diálogos diários dentro da escola. Algumas falas ouvidas entre sala de aula e corredores, ainda ecoam em minha memória:

“Eu nasci em Mariana, porque aqui não tem hospital”

“Eu nasci lá em Ouro Preto, mas quase nasci em Mariana porque era mais perto”

“Nunca fui em Ouro Preto, é longe”

“Lá em Ouro Preto tem faculdade de graça?”

“Aqui não tem nada pra fazer”

“Esse lugar é feio, as pessoas daqui são feias”

“A tarde eu vou lá pra mina de topázio”

“Os caras levaram foi toda a ferramenta, dei azar”

“Não aguento mais essa merenda de biscoito, eu fico com fome”

“É normal, a polícia fica mais aqui na escola do que na rua”

“Ele já tá sendo procurado”

“Foi preso e não saiu mais”

“Foi morto, a polícia matou”

“Tenho depressão e já até tentei me matar”

“Meu sonho é assumir a biqueira do meu pai”

“Eu já tomo conta é do ponto do meu tio, eu e meu irmão”

“Já roubei até aqui dentro”

“Nem sei quem é meu pai”

“Ah, aquela menina já passou na mão de todo mundo, ela morou foi lá no puteiro”

“Esse nem é o primeiro filho dela”

“Ele é gay porque foi estuprado pelo vizinho”

“Essa daí nem sei como não arrumou filho ainda”

“Essa nem sabe quem é o pai”

Assim, durante o processo de observação participante², que perdurou por seis meses consecutivos, tentei processar todas essas e outras afirmações, de forma a refletir o que poderia ser feito para trabalhar a demanda real apresentada por aqueles jovens sujeitos que, majoritariamente, retratavam em falas e gestos uma negação do distrito como lugar de representação de si, em uma percepção toprofóbica. Mesclando leituras e diálogos acadêmicos com as escutas ativas sobre a vivência cotidiana dos estudantes, me ressalta aos olhos a possibilidade de construir um mapa social que representasse o distrito de Antônio Pereira sob a perspectiva daqueles jovens que ali habitavam, mas para percorrer essa metodologia, era necessário um método que possibilitasse os próprios estudantes descreverem sobre si mesmos em suas dimensões íntimas com aquele lugar - um método fenomenológico. De acordo com Silva (1986, p. 55):

A tendência recente em Geografia dos estudos fenomenológicos, procura apreender os significados do lugar, por exemplo, para os seres humanos. Isto é, o lugar não é apenas algo que objetivamente se dá, mas algo que é construído pelo sujeito no decorrer de sua experiência. Assim, o lugar é algo que sugere alegria, ou solidão, ou nostalgia, ou tensão. Trata-se de captar essas dimensões da realidade.

Assim, durante os 12 meses seguintes, foi realizada a confecção do mapa intitulado pelos seus próprios autores como “Pererão”, de forma a representar o lugar construído a partir de suas experiências e seus sentimentos reais, sem que eu ou Paulo Roberto assumíssemos papel de centralidade nessa percepção;

² Método difundido pelo Antropólogo e etnólogo britânico, Bronislaw Malinowski (1976), o qual consiste em se aproximar dos sujeitos pesquisados, de forma a perceber como determinados indivíduos ou grupos sociais se articulam, vivem, percebem e concebem as realidades existentes e experienciadas.

tomando como pressuposto a ideia da redução fenomenológica elaborada por Husserl.

De acordo com Acselrad e Viégas (2013, p. 21):

A interação entre sujeitos com conhecimento técnico e sujeitos com conhecimento tradicional deve ser objeto de reflexão por parte dos pesquisadores do processo cartográfico e seus métodos, de modo a se alcançar o diálogo entre técnicas e saberes e evitar a imposição de um sobre o outro, ou ainda que se excluam mutuamente.

Nesse diálogo entre técnicas da cartografia apontadas por mim e por Paulo Roberto, delineadas por conceitos da fenomenologia e os saberes da realidade apresentados pelos estudantes, o “Pererão” começa a tomar forma material e simbólica carregada de subjetividades - formas de sentir e ser o lugar Antônio Pereira.

Conforme a Figura 2, em um primeiro momento, foi iniciado dentro de sala de aula a teorização sobre a estrutura e conceitos fundamentais da cartografia - croqui, mapa, projeção, orientação, escala, legenda e título -, assim como a importância da cartografia para representação dos fenômenos do espaço vivido de acordo com a perspectiva daqueles que mapeiam ou são mapeados; as referências e simbologias que dão vida ao mapa e o transforma em uma potência para a expressão da realidade.

Figura 2 - Teorização da estrutura e conceitos fundamentais da cartografia e suas importâncias



Fonte: Arquivo pessoal (2018)

Em um segundo momento, as aulas passaram a ocorrer no pátio da escola, pois a partir da localização do sol, passamos a interpretar as noções de orientação da disposição das ruas, bairros, comércio, igreja e outros pontos de referência trazidos pelos estudantes – levando em consideração a E.E Antônio Pereira como centralidade para todas as localizações e suas orientações, conforme Figura 3.

Figura 3 - Orientações a partir do sol: traçando a localização das referências a partir da centralidade da escola



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

A partir da compreensão das orientações elaboradas neste segundo momento, passamos para a construção da rosa dos ventos e de croquis de representação do percurso da casa de cada estudante até a escola, como forma inicial de representação da percepção dos movimentos diários que percorrem em suas vidas e das coisas presentes nesses trajetos, dando início as primeiras referências dispostas no mapa de representação do distrito, conforme Figura 4.

Figura 4 - Elaboração dos croquis: os caminhos de casa até a escola



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

De acordo com Gonçalves (2017), um mapa não é uma maneira de organizar as informações ou imagens, mas sim uma ferramenta que permite mostrar algo a partir das relações que se estabelecem espacialmente. Portanto, as referências que surgiram ao longo desse inicial processo de representação do movimento de casa até a escola, não se resumiam apenas a coisas aleatoriamente dispostas no espaço, mas sim experienciadas através da percepção subjetiva carregada de sentidos e emoções, seja individualmente ou em grupo.

Posterior a elaboração dos croquis, tendo como base o movimento diário entre casa e escola, os estudantes passaram a descrever outros pontos referenciais que se destacam em suas vivências cotidianas, listando-os e orientando suas localizações como forma de perceber as referências simbólicas dispostas ali e que se estabelecem em um processo de interação com o lugar sentido a partir da fluidez de seus corpos, de suas andanças diárias; individuais e coletivas. Segundo Tuan (1983, p. 39):

O corpo é uma "coisa" e está no espaço ou ocupa espaço. Ao contrário, quando usamos os termos "homem" e "mundo", não pensamos apenas no homem como um objeto no mundo, ocupando uma pequena parte do seu

espaço, mas também no homem como habitando o mundo, dirigindo-o e criando-o.

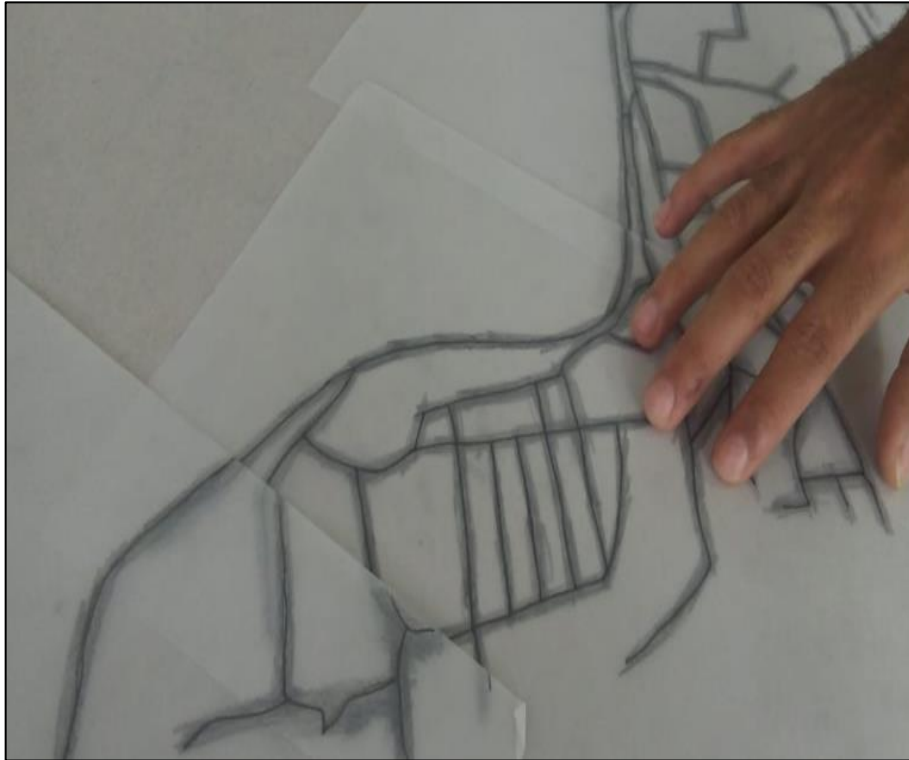
Portanto, é através do corpo de cada um desses estudantes, sujeitos que habitam e são habitados pelo lugar, que as diversas referências são significadas e simbolizadas, não apenas na superfície de um papel, mas sim na intimidade com o lugar.

A localização de cada uma das casas e referências, aos poucos foi revelando a dimensão do lugar vivido pelos estudantes, não somente em uma compreensão de escala, mas também da espacialidade sentida e vivenciada por eles, já que alguns pontos foram destacados como relevantes e outros nem sequer foram descritos. E nesse processo de entendimento comum do que deveria estar presente no mapa, os estudantes passaram a refletir sobre a escala ideal para que contemplassem todas as casas e as referências destacadas. Através da utilização do Google Earth^{®3}, trabalhamos com um mapa de base abstrata, sem demarcação do terreno, para visualização da dimensão escalar e a possibilidade de representar todo o lugar vivido na projeção de um papel. Na primeira tentativa de uso da escala, a casa de uma das estudantes não “coube no papel”, o que gerou uma reflexão importante sobre o uso correto da escala como um elemento fundamental para a construção de um mapa onde todos pudessem sentir-se representados.

De acordo com a Figura 5, após algumas reformulações da dimensão escalar, os estudantes traçaram em papel vegetal, partes de uma totalidade a ser representada na completude do mapa. Neste momento, todos os bairros surgiram como necessidade de representação, exceto o bairro “Vila Samarco”, no qual nenhum dos estudantes mora ou se viu pertencente.

³ Até o presente momento, o Google Earth[®] não era conhecido e utilizado pelos estudantes, pois os mesmos viviam em um contexto de exclusão do acesso as ferramentas do meio técnico-científico-informacional.

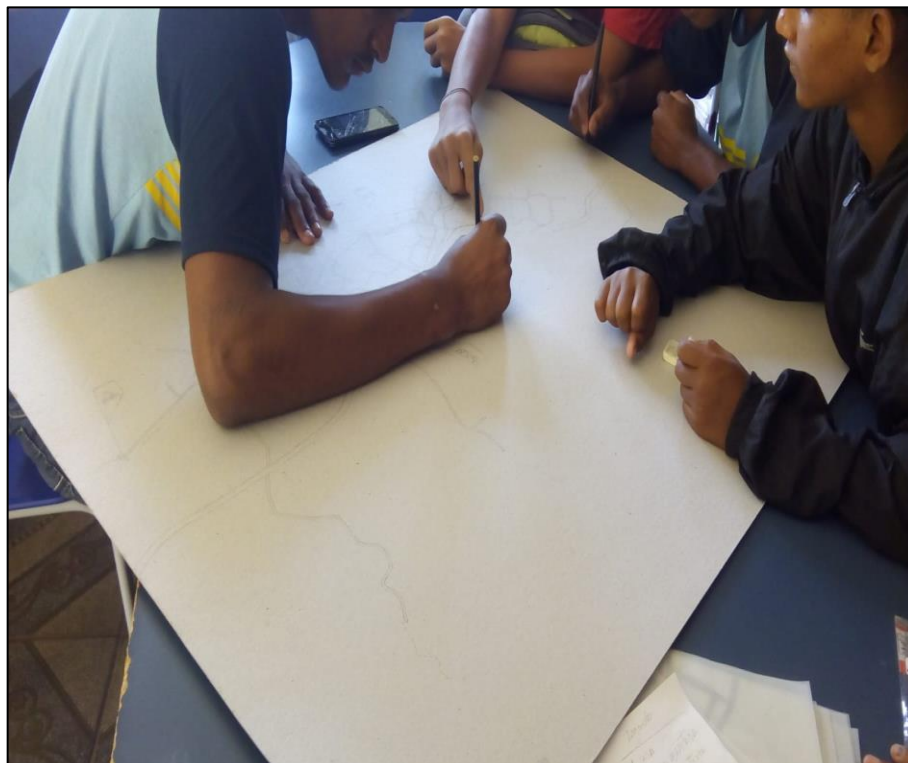
Figura 5 - Projeção das partes de toda área a ser representada no mapa final



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Após o traçado das partes, foi projetado para o papel final o encaixe do desenho que corresponde a da área total a ser representada e em seguida, foi iniciado o processo de registro das casas de cada estudante no mapa, conforme Figura 6.

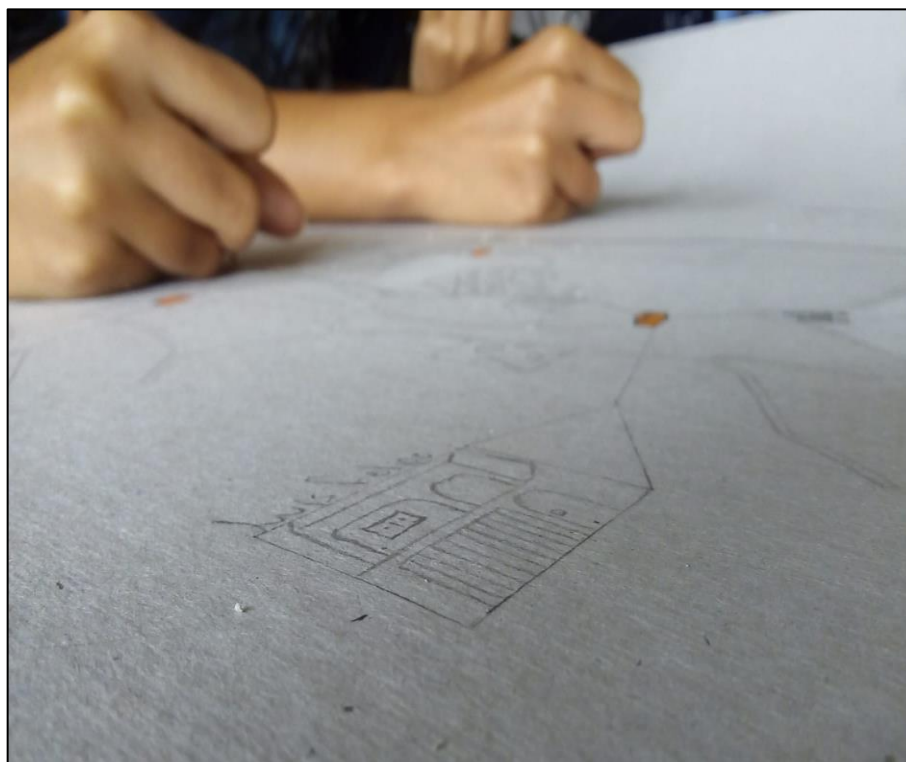
Figura 6 - Representação da localização de cada uma das casas



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Nessa etapa, foi decidido que a localização de cada casa seria marcada por um símbolo comum (um tijolo de cor laranja) e, em seguida, seria projetada em zoom para o desenho da representação real cada uma delas e assinada pelo estudante-morador, permitindo assim, que todas as casas fossem representadas sem sobreposição de uma a outra, conforme a Figura 06. Como acordado, a maioria das casas tiveram a mesma representação de símbolo em cor laranja, exceto a casa de um dos estudantes que, intuitivamente, utilizou a cor rosa ao colorir sua residência.

Figura 7 - Símbolo e desenho em zoom das casas



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

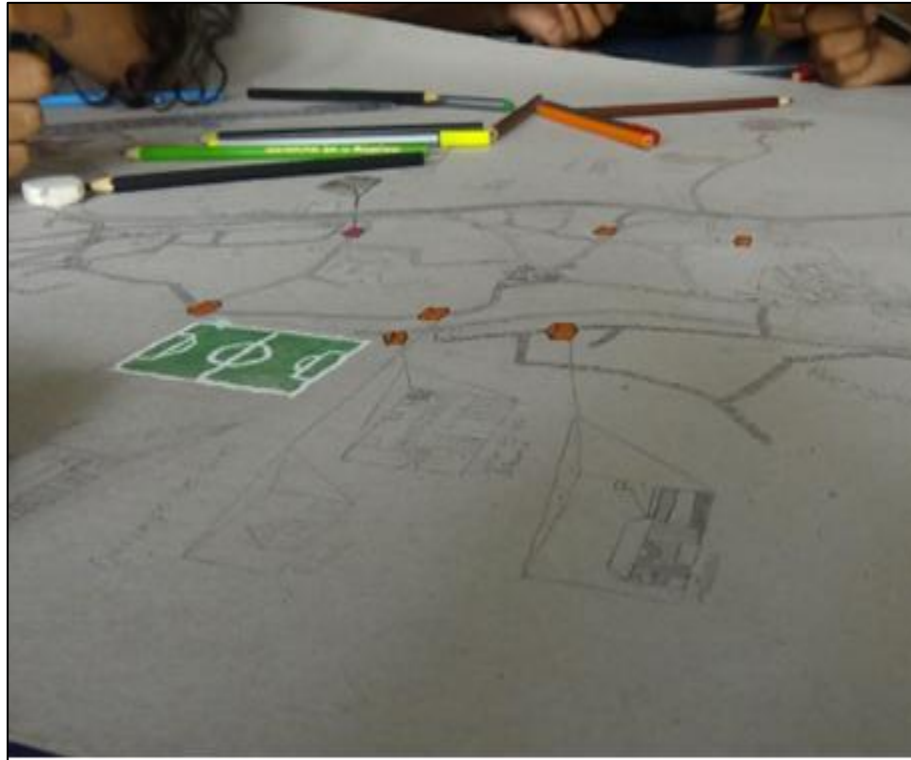
Após a marcação da localidade de cada casa, iniciou-se a representação dos pontos de referência já destacados durante a elaboração dos croquis. Dentre todos os pontos de referências, sobressaíram aqueles compartilhados entre todos, que, por impactos diretos e indiretos, fazem parte não só da materialidade do lugar em questão, mas também da imaterialidade; do simbolismo que delinea o Ser pertencente.

O primeiro ponto a ser comentado foi a barragem de minério da empresa Vale, localizada dentro do distrito e que, cotidianamente, amedronta aqueles que a veem e sentem na pele as inseguranças geradas por um deturpado sistema de mineração. No entanto, mesmo comentado, a barragem não foi desenhada no mapa, ficou, neste momento, apenas na memória falada e descrita como importante e desconfortável.

Como demonstrado na Figura 8, foi o campo de futebol “Pererão”, que deu origem ao título do mapa, o primeiro a ser desenhado como referencial, ganhando um tamanho maior que a relação das casas e recebendo, de imediato, uma cor vívida, com contornos marcantes. Tal campo de futebol foi descrito como o local onde se encontram para momentos de lazer – é o lugar de refúgio em comum,

lugar onde acontecem não só os jogos de futebol, mas também os diálogos sobre o dia-a-dia do viver Antônio Pereira.

Figura 8 - O “Pererão” como primeiro ponto referencial em comum a ser desenhado e colorido no mapa



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Conforme a Figura 9, outras referências foram ganhando vida baseadas na relação de sentidos que atravessam a cotidianidade dos estudantes. O prostíbulo (denominado por eles como “putero”), localizado na entrada do distrito, foi a segunda referência desenhada e colorida em laranja, curiosamente a mesma cor escolhida para a representação das casas e, em posteriormente, para a representação do CRAS. Em seguida, os garimpos de ouro e topázio imperial também foram desenhados e coloridos no mapa. A “Igreja Queimada”, a “Policlínica”, o “Centro de Tratamento de Água”, O “Posto de Gasolina BR”, a “Borracharia do Campos”, a “Borracharia do Branco”, o “Pesque Pague do Sonin”, o “Pesque Pague do Geraldo”, a “Gruta da Lapa”, a “Casa da dona Iria” (conhecida como a “macumbeira do Pereira”), “A Torre” e outras referências também preenchem aquela folha de papel que, paulatinamente, ganha vida e cor. Os bares, os supermercados, as padarias, o correio, os disks cervejas, os salões de cabeleireiro, as sorveterias e as farmácias,

são referenciados em símbolos, já que as disposições destas referências se distribuem por vários bairros e ruas, mas também significava pontos importantes da vivência cotidiana. Enquanto as referências iam surgindo, algumas discussões acerca de “quem sabia melhor a disposição das coisas” também surgiram, assim, os estudantes assumiam a responsabilidade de desenhar a referência de acordo com sua proximidade e/ou vivência com aquela localidade.

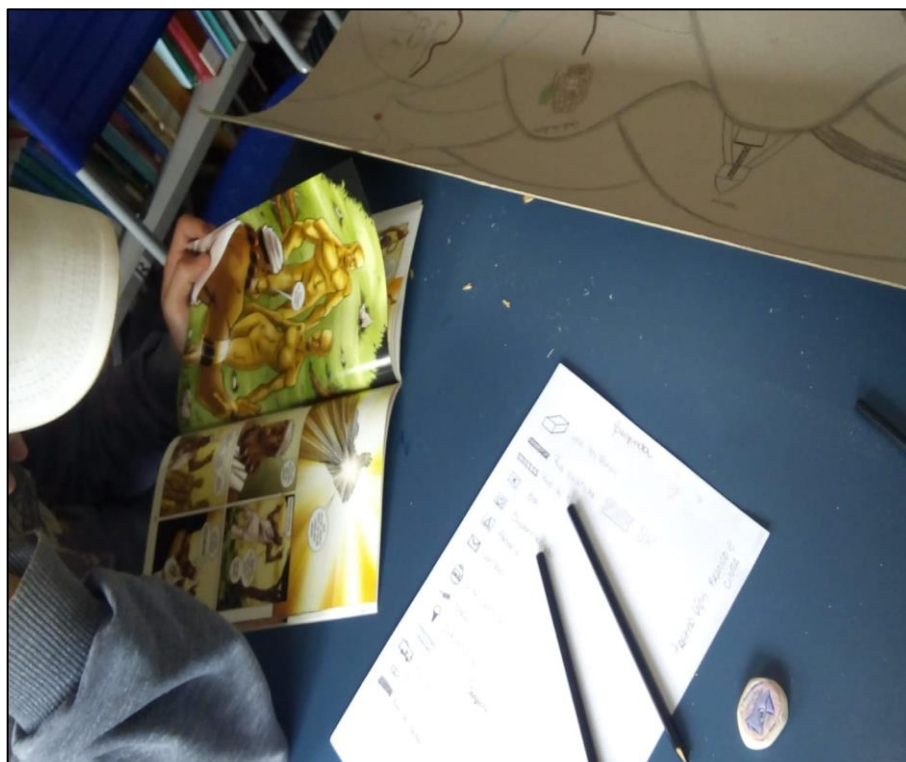
Figura 9 - Representação de outros pontos de referência



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Nesse momento, a legenda também começou a ser elaborada para que possibilitasse a leitura de *Outros* sobre aquilo que os estudantes consideram como importante em suas formas de ser e sentir o lugar, conforme a Figura 10.

Figura 10 - Elaboração inicial da legenda



Fonte: arquivo pessoal (2019)

As ruas começam a ganhar cores e texturas diferentes de acordo com a pavimentação ou falta dela; a BR MG-129, ruas asfaltadas, ruas de terra, ruas de pedra e ruas de bloquetes e recebem os nomes a partir do reconhecimento popular, como por exemplo a “Rua da Lapa Queimada” que se torna “Rua Grande” devido sua localização central, assim como a “Rua do Beco Novo” que passa a ser chamada de “Rua da Pedreira” por ter umas das piores pavimentações do distrito e localizar-se na entrada de um dos novos pontos de extração ilegal de minério, a quadra da Rua Água Limpa, fica conhecida como “O cortiço”, pois no processo de ocupação desta área, as casas eram todas amontoadas e sem divisões entre os lotes. O rio principal, que fornece água para a população, também foi pintado de acordo com suas características reais; azul para as áreas de água límpida e marrom para aquilo que os estudantes denominaram “esgoto a céu aberto”. Algumas árvores, o “Poço do Jacaré”, a “Cachoeira”, a “Linha do trem da Vale” e “As Montanhas”, nascem no colorido do mapa, como uma das últimas etapas do processo de construção do todo, conforme Figura 11 e Figura 12.

Figura 11 - Outras referências e simbolismos



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Figura 12 - Outras referências e simbolismos



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Após a inclusão de todas estas referências dispostas no lugar habitado, surge entre os estudantes, a necessidade de colocar a localização daquilo que para eles “não poderia ficar de fora” - os pontos de tráfico de droga. Tal fato gerou muita discussão, pois ao mesmo tempo em que “não podiam ficar de fora”, poderia gerar sérios problemas caso fossem demarcados de forma efetiva, nomeados e/ou muito destacados no mapa. Após discussões, os estudantes decidiram fazer somente alguns pequenos pontos de caneta preta nas localizações e não colocarem na legenda o significado de tais pontos. Dessa forma, como quase última questão a ser demarcada, os “pontos de caneta preta”, foram distribuídos em quantidade desesperadora pela maioria dos estudantes, demonstrando um conhecimento preciso de todas as suas localizações.

Por fim, quase após todo mapa ser desenhado, referenciado e colorido em partes (de acordo com a necessidade de “dar cor” ao distrito, segundo os estudantes), retomaram a primeira discussão sobre os pontos de referência que deveriam estar no mapa: “Quem vai desenhar a barragem?”. Esta questão foi motivo de conflito, pois apesar de considerarem um dos principais pontos de referência do distrito, a dor que os consomem ao saberem dos riscos que correm com a desestabilidade deste depósito de rejeito, fez com que todos sentissem, ao mesmo tempo, necessidade de representá-la e medo/insegurança/raiva que os bloqueavam na concretização do desenho. Dentro de uma discussão fervorosa, um dos estudantes, cansado deste jogo de “faz você; não, faz você”, pegou o lápis de cor marrom e, com muita força no traçado, “rabiscou” um retângulo com uma pequena parte pintada em azul para representar a água da nascente que é utilizada na lavagem de todo rejeito de minério de ferro. Durante esse momento de tensão, uma das estudantes apontou a necessidade de fazer um sol para “deixar o mapa mais iluminado” e assim, o desenhou em um dos cantos do papel e, instantaneamente causou uma indagação entre todos: “O sol está nascendo ou se pondo?”. De prontidão, os estudantes que moram naquela região do distrito, afirmaram que “ali o sol se põe”, pois o “O Sol nasce na Lapa”, conforme Figura 13.

Figura 13 - A representação da barragem e do “Sol que nasce da Lapa”



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Conforme Figura 14 e Figura 15, nesse processo de reconhecimento e pertença, o mapa “Pererão” toma corpo e forma num colorido que por vezes se confundiu com a falta de cor. Um lugar único, experienciado, vivido, habitado e representado por aqueles que sentem em seus corpos o caminhar diário, já que “o núcleo do significado de lugar se estende, penso eu, em suas relações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência. Lugar é um microcosmo”, de acordo com Relph (2012, p. 31).

Figura 14 - O Mapa Pererão



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Figura 15 - O Mapa Pererão e todos os seus elementos - título, legenda, escala e rosa dos ventos



Fonte: arquivo pessoal (2019)

Como último exercício para a finalização do projeto, saímos em um dia extraescolar para realizarmos uma caminhada no distrito, na qual eu e Paulo Roberto utilizamos o mapa “Pererão” como base de localização, orientação e reconhecimento do lugar vivido pelos estudantes. Durante a caminhada, passamos por diversos pontos mapeados, inclusive pela casa de alguns dos estudantes. Entre passos e reconhecimentos, eles demonstraram profunda felicidade - estavam naquele momento, nos apresentando toda construção do lugar percebida através de suas subjetividades. Nesse momento, estávamos nós - estranhos no ninho -, sendo recebidos por aqueles sujeitos que sorriam ao compreenderem que eles são, de fato, um corpo-lugar-no-mundo em um processo de construção topofílica.

7. PARA NÃO CONCLUIR

A fenomenologia, conceito filosófico adotado pela Geografia como um método possível para a percepção geográfica, descrição e investigação do espaço vivido em sua realidade sensível, sobretudo para o entendimento do lugar como categoria de análise, emerge em um contexto contemporâneo das discussões e reformulações epistemológicas da ciência geográfica e, para sua aplicabilidade, a cartografia social apresentou-se como metodologia realizável em diálogo, uma metodologia potencialmente viva, que só se fez possível através de um método também atento ao contexto humanista, capaz de representar a dinâmica das coisas dispostas no mundo vivido e encarnadas pelos indivíduos ou grupos sociais pertencentes. Dessa forma, o fazer cartografia social através do método fenomenológico potencializou a sensibilidade do pensar geográfico em ação, no qual a experiência do corpo-sujeito enriqueceu a representação da realidade.

A partir deste diálogo entre o método fenomenológico e a cartografia social como metodologia, o mapa 'Pererão' manifestou-se como uma expressão vívida do lugar Antônio Pereira, onde a experiência subjetiva se entrelaça com a materialidade do espaço através da percepção de jovens estudantes também moradores do distrito. Por um caleidoscópio de cores, por vezes tênues, esses jovens cartografaram suas vivências cotidianas, imbuindo o mapa de sensações corporais, afetos, desafetos, conflitualidades e reconhecimento. As diversas referências - naturais e/ou construídas -, foram mais do que simples elementos geográficos; foram componentes de um todo vivido e sentido, inscritos na memória, nas emoções, na consciência e no corpo desses sujeitos.

Essa cartografia para além da superfície mostrou a profunda interação entre sujeito e espaço, onde o mapa se tornou um espelho da experiência humana e um testemunho da construção social do lugar sob o viés da fenomenologia que, como método em potência, revelou a (re)existência de lugares alternativos – alternativos no sentido de um embate hegemônico; alternativos no sentido dos passos cotidianos da (sobre)vivência.

Segundo Marandola (2013, p. 59):

[...] é necessário enfatizar o papel da geografia humanista enquanto movimento de renovação de toda a geografia. Se temos hoje esse horizonte cheio de possibilidades na geografia contemporânea, que se abre para a filosofia e o diálogo interdisciplinar, não há dúvidas de que pelo menos parte da responsabilidade é destes geógrafos que buscaram, num contexto de

extrema especialização da geografia e de sérios embates políticos, cores humanistas para este fazer e pensar Geográfico.

Em concordância com o autor, afirmo que somente através das possibilidades da Geografia Humanista Cultural, esta considerada parte das Geografias contemporâneas, que o trabalho aqui descrito foi, sem dúvida, realizável. Essa Geografia que vive e pulsa em nossos corpos, nos convida a não concluir uma ideia, mas sim acreditar em um fazer, no qual as esperanças de nos vermos representados no mundo, de sermos o mundo - o lugar vivido -, sejam concretizadas na própria realidade sensível.

A pesquisa aqui apresentada não finda as possibilidades de novos olhares e construções de pesquisas e projetos, ao contrário disso, abre portas para que outros possam continuar na luta por uma (re)construção do saber científico, político, educacional e empático.

Eu, como corpo-sujeito migrante em terras ouro-pretanas e imersa nas mazelas desse território tão extenso e segregado, percebi durante todo processo de realização dessa pesquisa, que as aflições, medos e tentativas de apagamento da geo-história e socioespacialização desses jovens sujeitos, permitiu gerar uma força tão intensa, que o caminho de transformação do terror ao afeto, apesar de custoso é possível! Por diversas vezes, me reconheci no corpo daquelas meninas e meninos, que assim como eu, carregam na cor e à flor da pele a batalha pela conquista de seus lugares no mundo, por vezes, sufocados por um sistema cheio de complexidades, mas carregado de possibilidades; de mudança, de afetividade e de renovação – tudo isso no íntimo e subjetivo caminho das emoções cotidianas. Eu, estranha no ninho, em alguma medida também me tornei ninho e acredito que, mesmo não tendo minhas digitais e meus passos largos registrados nas ruas de Ouro Preto - MG e de Antônio Pereira da mesma forma desses jovens habitantes, deixo, ainda hoje, meu sangue e meu coração como luta e esperança de sentir mudanças significativas para a realidade de quem ainda tem muito a dizer e ser escutado.

Vivenciei um processo de transformação do “Pior lugar do mundo!” em um lugar expresso e denominado no aumentativo, quase como um grito; O “Pererão”! Lugar esse tão grandioso quanto os sujeitos que o habitam. Sou grata pela acolhida, pela confiança e principalmente pelas trocas de conhecimento. Daqui, saio como

professora – pesquisadora - como lugar no mundo; desejando que esses lugares sejam de todos nós.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri (org.) **Cartografia social, terra e território**. Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ, 2013.

BASTOS, Liana Albernaz de Melo. **O corpo-sujeito**. Revista brasileira de psicanálise. vol.45, n.4, p.35-42, 2011.

BISSOTO, Maria Luísa; MIRANDA, Antônio Carlos (orgs). **Metodologia em educação sociocomunitária**. Paco Editorial. Jundiaí, 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

DE PAULA, F. C. **Geografia Humanista e Fenomenologia**: contribuições Francófonas no L'espace Geografaphique. Geografia, Rio Claro, vol.39, n.2, p.225-240, mai./ ago. 2014.

GONÇALVES, Amanda Regina. **Narrativas cartográficas e a conexão entre mapa e experiência**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, Sp, v. 7, n. 13, p.51-66, jun. 2017. Semestral.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Parte I. Tradução de Maria Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 4 ed, 2005.

HUSSERL, E. **A Ideia da fenomenologia**. Trad. A. Morão. Lisboa: Edições 70, 1986. _____. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Trad. M. Suzuki. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2006. (Coleção Subjetividade Contemporânea).

KOZEL, Salete. **Ressignificando as representações do espaço**: as linguagens do cotidiano. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, São Paulo, 2005.

LIMA, Antônio Balbino Marçal (org.) **Ensaio sobre fenomenologia**: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Ilhéus: Editus, 2014.

MARANDOLA Jr., E.; HOLZER, W.; Oliveira, L. de (orgs.). **Qual o Espaço do Lugar?** Perspectiva. São Paulo, 2014.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RELPH, Edward C. **As Bases Fenomenológicas da Geografia**. In: Geografia, Rio Claro, v. 4, nº 7, p. 1-25, 1979.

SANTOS, Dorival. **Cartografia social: o estudo da cartografia social como perspectiva contemporânea da Geografia**. Interespaço: Revista de geografia e interdisciplinaridade, São Luís, Ma, v. 2, n. 6, p.273-293, ago. 2016. Semestral.

SERPA, A. **Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico**. Geosp – Espaço e Tempo, v. 21, n. 2, p. 586-600, agosto. 2017.

SILVA, Armando Corrêa da. **Fenomenologia e Geografia**. In Orientação No. 7. S. Paulo: USP Instituto de Geografia, 1986.

SILVA, F. K. R. **Geografia e Fenomenologia: por uma ontologia do espaço e do lugar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em Geografia) Universidade do Estado do Pará, Belém-PA, 2015.

SEEMANN, Jörn. **Mapas, mapeamentos e a cartografia da realidade**. *Geografares*, Vitória (ES), v. 4, p. 49-60, 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. (Tradução de Livia de Oliveira) São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 1980.